

Educação do campo, desenvolvimento sustentável na comunidade quilombola do Serrote

Eliete Rodrigues de Lima¹
Jocélia Torquato dos Santos Marques²

¹Tem 30 anos, é natural de Santa Maria da Boa Vista. Graduada em Pegogia pela Universidade de Pernambuco (UPE), Pós-graduanda pela UNIVASF no Curso de Especialização em Metodologias Participativas Aplicadas à Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural. Professora de Fundamental-I do Quadro de Professores do Município de Santa Filomena. Foi Coordenadora de Tumas do Brasil Alfabetizado em 2009. E-mail: eliete.lima03@hotmail.com.

²Licenciada em Geografia pelo Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco - CESVASE, pós-graduanda da UNIVASF no curso de Especialização em Metodologias Participativas Aplicadas à Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural. Docente no programa EJA médio campo, Pernambuco e gestora da

"Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda."

Paulo Freire

RESUMO

O presente artigo é resultado de estudo que faz uma análise sobre a educação do campo enfatizando a importância da educação do campo/no campo para o crescimento do homem que vive da roça, tanto no aspecto intelectual como econômico cultural e socioambiental, dando ênfase ao crescimento com sustentabilidade em muitos aspectos. Para enriquecimento do trabalho realizado em sala e em campo, professores e alunos se mostraram incomodados e sensibilizados com os problemas de lixo e desmatamento nas margens do rio São Francisco. Estudos foram realizados sobre aspectos físicos, econômicos, ecossistemas e desastres como: poluição, lixo, lixiviação, desmatamento, etc. Então tomaram iniciativa de recolher o lixo presente às margens do rio, reflorestar a mata ciliar e sensibilizar a população da Comunidade Quilombola do Serrote.

Palavras-chave: Educação do campo; Práticas educativas; Saber local; Sustentabilidade no campo.

ABSTRACT

This article is the result of that study is an analysis of the rural education emphasizing the importance of education in the field / on the field for the growth of man who lives in the fields, both in the intellectual aspect as cultural and environmental economic. Emphasizing growth with sustainability in many ways. To enrich the work done in the classroom and in the field, teachers and students were harassed and sensitized with garbage and deforestation problems on the banks of the river San Francisco. Studies were conducted on physical, economic, ecosystems and disasters like pollution, waste, leaching, deforestation etc. Then they took the initiative to collect the garbage this side of the river, reforestation of the riparian forest and raise awareness of the Quilombo Community Saw.

Keywords: Rural education; Educational practices; Local knowledge; Sustainability in the field.

Falar em Educação do Campo é lembrar-se de uma história de preconceito e discriminação, é correr o sério risco de parecer repetitivo, já que é sabido que esses são conceitos ainda bastante discutidos nos ambientes sociais e acadêmicos. Todavia, fechar os olhos para uma realidade que insiste em vigorar em nosso país e acreditar que hoje a realidade é um mar de primazia é sem dúvidas mostrar-se utópico.

A educação do campo foi por muito tempo ignorada, visto que antigamente no Brasil a atividade rural era predominante, sendo que, concebiam a educação formal como algo dispensável na vida daqueles que trabalhavam na lavoura. Uma visão fechada negligenciou por longas datas o fato de que a educação é direito de todos e é capaz de transformar vidas, possibilitando entre outras coisas a capacidade de discutir, entender e opinar sobre algo.

Fato esse que foi claramente evidenciado na Constituição de 1988: “É afirmado na Constituição Brasileira, em seu artigo 205, que a educação é direito de todos e dever do estado e a família será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (MINISTÉRIO..., 2010, p. 87).

No entanto, no decorrer dos tempos a sociedade brasileira mostrou-se indiferente em relação à efetivação do direito de todos ao acesso à educação, levando esse a ser uma causa de luta constante de pequenos grupos e movimentos sociais entre os quais o Movimento dos Trabalhadores Rurais – MST se destacou, sendo que o MST foi um dos pioneiros na luta e concretização do direito à educação do “Campo e no Campo”.

Visto que não basta ter direito acima de tudo é necessário ter acesso... Enfrentando as dificuldades com criatividade e disposição, estamos constituindo um novo jeito de educar e um novo tipo de escola. Uma escola onde se educa partindo da realidade; uma escola onde professora e alunos são companheiros e trabalham juntos aprendendo e ensinando; uma escola em que as crianças se desenvolvam em todos os sentidos, uma escola que incentiva e fortalece os valores do trabalho da solidariedade, do companheirismo, da responsabilidade e do amor à causa do povo. (SETOR..., 2005, p. 31).

Segundo esses vieses a educação do Campo nos leva a uma perspectiva de respeito à individualidade e igualdade dos direitos:

1. Direito de aprender segundo sua realidade.
2. Direito a ser reconhecido enquanto sujeito e autor de sua própria história.
3. Direito a ressarcimento de danos irreparáveis provocados no decorrer da história de vida de tantos que não tiveram o seu direito a educação reconhecido pelo fato de “residir no campo” e principalmente por ser levado em consideração de status.

Portanto, é necessário “acordar”, pois estamos no século XXI e é imprescindível pensarmos em uma educação específica para o campo, enxergando as especificidades

existentes e necessidades gritantes no meio. Até porque quase tudo o que consumimos vem do campo, está mais do que na hora de acordar para formas que possibilitem o ingresso de jovens e adultos na educação e trabalhar a questão da desigualdade projetada pela falta de qualificação do homem do campo.

Trabalhar educação do campo deverá levar em consideração a vivência, a memória, a identidade, as relações de gêneros, etc. É imprescindível que homens, mulheres e crianças tenham grande participação no desenvolvimento do país e que esse crescimento é possível se respeitando a capacidade do homem do campo na produção e os limites da natureza.

No trabalho de educação do campo faz-se necessário que professores sondem antes de tudo quem são educandos para descobrirem suas expectativas e anseios.

Educações - ponte para o crescimento intelectual e socioambiental

É de suma importância que o professor busque estratégias para lidar com a educação do campo. Traçando ideias que facilitem o ensino, a aprendizagem e a troca de conhecimento que seja um facilitador que se envolva com educando conhecendo o mundo que o rodeia, que não crie barreiras. Conhecendo a sua prática de como eles lidam com o roçado e com os animais e como cultivam o solo para intervir de forma que não desconsidere o saber do agricultor familiar.

A educação é a ponte para o crescimento do ser humano intelectual e socialmente. Com educação o homem do campo poderá pensar antes de cortar uma árvore, quais os danos que terão a partir desse ato, qual consequência ocorrerá se cortarem várias árvores. Terá consciência que jogar lixo próximo dos mananciais estará contaminando-os. Terá consciência que usando agrotóxicos e agroquímicos em geral está colocando veneno nas mesas das pessoas e isso ocasionará vários problemas de saúde.

As linguagens constituem recursos didáticos que necessitam ser utilizados no mundo atual, seja na instituição escolar, seja em outros caminhos ou lugares, porque, por meio delas, os horizontes do conhecimento se abrem para jovens, professores e cidadãos que já passaram pela escola em termos anteriores (para ensinar e aprender geografia).

Fazendo elo com esse texto, mostra claramente que o diálogo é fundamental para que a educação não se torne um ato no qual o professor só fala e os educandos acatam, longe disso, a educação é um passo para compreensão do mundo e do que é preciso para mudar e desconstruir o que foi dito que era certo e que foi acatado. A educação é um ato de diálogo e troca de conhecimento.

A partir do momento que o homem do campo olhar em volta e perceber que o campo é um lugar próspero e que não é preciso sair da roça para aprender a ler, escrever e interpretar o mundo, que o trabalho no campo usando do conhecimento adquirido, ele não precisará se mudar para a cidade em busca de qualidade de vida, pois o que ele precisa encontrará no seu habitat. O campo será próspero e diminuirá a multiplicação da pobreza. Problemas como êxodo rural, inchaço urbano, desnutrição, etc. serão

amenizados, o homem não precisará se deslocar para encontrar a satisfação que tanto procura migrando do campo para cidade.

Políticas de educação do campo valorização e quebra de paradigmas

Os movimentos sociais tiveram papel importante para muitas conquistas do campo, como acesso às terras com a reforma fundiária, a liberação de programas como o PRONAF, etc. Mas o MST não descansa e reivindica a educação do campo. Muitas políticas públicas estão chegando ao campo. Com certeza a educação veio para além do acesso à terra, o homem do campo amplia seus conhecimentos de como melhorar sua prática nos trabalhos e refletir sobre as inúmeras possibilidades que terá o homem da roça com a educação do campo e no campo conhecendo como aplicar o que aprendeu na escola no desenvolvimento de tarefas para enriquecimento do campo.

A concepção de escola do campo nasce e se desenvolve no bojo do movimento da EDUCAÇÃO DO CAMPO, a partir das experiências de formação humana desenvolvidas no contexto de luta dos movimentos sociais camponeses por terra e educação. Trata-se, portanto, de uma concepção que emerge das contradições da luta social e das práticas de educação dos trabalhadores do e no campo (MOLINA e SÁ, 2011, p. 324).

Não podemos negar a importância do MST para as conquistas relacionadas ao direito e acesso à educação do campo. Vários programas de educação vieram após a luta do povo, como: Paulo Freire, Alfabetização de adultos, PROJovem CAMPO SABERES DA TERRA, entre outros. Esses programas como exemplos são magníficos, foram criados para jovens e adultos que já tinham estudado, mas que não concluíram o ensino fundamental II, criando oportunidades para pessoas do campo. Têm uma proposta maravilhosa, na qual os educadores são preparados para trabalhar com ferramentas do próprio cotidiano, não se distanciando da realidade vivida. Buscar, resgatar algo que foi perdido devido à dura realidade enfrentada da infância. Dando a oportunidade de concluírem o ensino fundamental. Graças a programas educacionais com o PROJovem CAMPO SABERES DA TERRA milhares de adultos saíram do analfabetismo absoluto e venceram as barreiras da ignorância: “A educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou malpassados e/ou aprendizados implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento” (FREIRE, 1996, p. 38).

Muitos estudiosos defendem que a educação voltada para o campo faça-se necessária para que tenha a ver com a vivência do homem do campo. Para que ele consiga se ver de fato na realidade como coparticipante do processo de desenvolvimento para que envaideçam o gosto de aprender e que possa empregar na sua prática.

Durante anos a educação foi ocultada das camadas “subalternas”, seria um desastre para a classe dominante se todos os pobres tivessem o conhecimento para poder intervir nas políticas. Com isso, a desigualdade entre ricos e pobres seria amenizada.

Pressupostos para o educador do campo

Faz-se necessário que professores que trabalham com educação do campo provoquem ao educando a busca pela superação:

- Reconhecer o meio rural como um lugar próspero que oferece inúmeras possibilidades;
- Vencer paradigmas que “quem mora no campo é matuto”;
- Perceber que o meio rural é fonte de riqueza;
- Preservar os recursos naturais e usar de forma sustentável;
- Plantar árvores para que quando precisar não venha a desmatar as já existentes na natureza;
- Reduzir o uso de agroquímicos;
- Sensibilizar para que o educando faça uso do conhecimento adquirido na escola para que possa ser útil ao longo da vida.

Não significa que a educação do campo desconheça conhecimentos que vão além das fronteiras campo/cidade, mas ao trabalhar no meio rural deve-se priorizar a realidade local para a global. O educando saberá que cortar uma árvore terá consequências, mas cortar várias árvores terá consequências desastrosas para o planeta. O aluno sabe que a árvore desmatada na Amazônia desestabiliza as correntes de ar do Himalaia, e do planeta. Quando a educação for prioridade dos governantes muitos destes problemas serão resolvidos.

Depois de ter trabalhado e sensibilizado os educandos é hora de colocar em prática conhecimentos adquiridos durante os dois anos de programa, trabalhando o desenvolvimento sustentável com Enfoque Territorial. De nada adiantaria se todos os esforços forem em vão. Por isso intervenção na comunidade faz-se necessária. Observando com olhar crítico sobre o uso de agroquímicos, desmatamento, empobrecimento da agricultura familiar. Deslocamento do jovem para o sudeste do Brasil, etc., inúmeros problemas foram detectados. E como solucionar esse desequilíbrio social na comunidade. O fato de os educandos já estarem sensibilizados facilitou bastante o desenvolvimento dos trabalhos realizados e os que ainda estão a serem realizados. A aula no campo é capaz de levar os discentes a uma visão holística na compreensão dos problemas e na capacidade que eles têm em tentar solucioná-los.

O rio São Francisco é um objeto de estudo do grupo. Diante do fato de ações que prejudicam o rio estarem em vista deram suporte para uma compreensão maior e o sentimento de revolta ajudou a desenvolver ações que buscam melhorar a qualidade das águas.

Levar os alunos a se sentirem responsabilizados pelo que está prejudicando a natureza é uma tarefa que leva muitas aulas e deverá ser um trabalho contínuo. Depois de eles verem de perto essas ações servirão para aprofundar tudo que foi trabalhado antes em sala. No estudo em campo os professores deverão enfatizar antes o que deverá ser observado e estar atentos para eventualidades que não poderão ser descartadas em um trabalho de campo.

Trabalhando no PROJovem CAMPO SABERES DA TERRA, os professores estão sempre auxiliando o outro e isso possibilita que as aulas, não importando qual disciplina, estejam sempre complementando e aprimorando a outra matéria ou professor.

O fato de os alunos já morarem no campo permite-lhes conhecer problemas como: a quantidade de lixo nas margens do rio, o desmoronamento das encostas, o desmatamento da mata ciliar, a lixiviação do solo formando banco de areia onde a correnteza da água é menos veloz, etc todos esses problemas já são familiares, contudo o trabalho de campo não é descartado.

Trabalhando sobre o rio São Francisco fazendo elo com os conhecimentos da turma sobre o assunto, fizemos uma aula de campo para comprovação de tudo que já sabíamos. Faz-se necessário o uso de técnicas e emprego do que foi estudado em sala para reverter este quadro lamentável. O que fazer:

- Fazer mutirão coletando o lixo das margens do rio;
- Replantar espécies nativas da mata ciliar;
- Realização de palestras com a comunidade sobre o uso consciente dos recursos naturais;
- Realização de plantação de algumas espécies nativas na casa dos educandos.

A sensibilização da comunidade é necessária para que a ideia de cuidar do meio ambiente seja multiplicada. Questionamentos de que só isso não faria o rio voltar ao seu volume normal ou apenas essa pequena área replantada não é suficiente para que a mata ciliar se reestabeleça foram feitos, no entanto a resposta que damos para quem pensa assim é a mesma do beija-flor que tenta apagar um incêndio da floresta.

O trabalho foi dividido em três etapas:

1ª etapa: Trabalhamos a importância do rio São Francisco do ponto de vista econômico, ambiental, fisiográfico e cultural. Destruição da mata ciliar, assoreamento, poluição, irrigação e muitos outros fatores através de textos, músicas, produções de desenhos, poemas, etc;

2ª etapa: Trabalhamos a revitalização do rio, com plantação de árvores nativas da mata ciliar no entorno da comunidade e coleta do lixo as margens;

3ª etapa: Trabalhamos com seminários envolvendo toda a Comunidade Quilombola do Serrote e comunidades circunvizinhas. Nesse seminário foi distribuído fôlder de palestras, vídeos e fotos sobre os trabalhos realizados ao longo do programa PROJovem CAMPO SABERES DA TERRA.

Educação para o ambiente construtivista busca engajar ativamente por meio de projetos de intervenção socioambiental que previna problemas ambientais. Muitas

vezes traz uma visão crítica dos processos históricos de produção da sociedade ocidental, e o ambiente se torna meta do aprendizado (Vamos cuidar do Brasil).

A ideia é que atitudes como essa sirvam de exemplo para toda comunidade escolar e que venha se repetir todos os anos. Medidas simples que os agricultores, estudantes e professores tomaram servirão para multiplicação por gerações.

Acreditamos que é no espaço criativo e motivador que a escola pode proporcionar que surjam novas ideias, simples e capazes de nos levar à construção de sociedades sustentáveis. (Vamos cuidar do Brasil).

Certo dia uma aluna perguntou como que sobreviveria sem destruir a natureza? O problema é que não destruímos para sobreviver. O ser humano a cada dia consome mais e mais, troca de carro, troca de aparelhos eletrônicos o tempo todo, nunca está satisfeito quando consegue um bem, já está almejando outro. Será interessante diminuir o consumismo, produzir menos lixo, reciclando mais, diminuindo o desmatamento e plantando mais árvores. Ingenuidade de quem pensa que vivemos sem destruir a natureza, mas podemos viver sustentavelmente e ecologicamente. É necessário trabalhar a ética e a consciência ambiental na escola abrir espaço para as aulas de campo no campo, é imprescindível que o alunado tenha esse contato direto com a natureza, que presencie os problemas de perto e que cheguem por eles a vontade de melhorar práticas que prejudicam o meio ambiente.

A escola do campo não é uma ilha. Ao fazer parte de uma realidade comunitária, caracterizada por sua cultura específica, a escola deve dialogar com a comunidade. A ação conjunta com a comunidade favorece o desenvolvimento social em que todos participam e se engrandecem, e a educação ambiental do campo, ao contribuir para a criação de possibilidades de intercâmbios e de relações de colaboração da escola com a comunidade abre um universo enorme de situações para a aprendizagem coletiva por meio do diálogo e da cooperação (Vamos cuidar do Brasil).

Educação com sustentabilidade socioambiental

A ideia de educação do campo ambiental deverá levar em consideração o crescimento social engajado com o ambiente, de nada valeria apenas uma educação do campo sem valorizar o desenvolvimento socioambiental. Atitudes que intervenham no desenvolvimento de práticas sustentáveis e que fortaleçam os vínculos para o equilíbrio ecológico, social, cultural, econômico de forma sadia para que ambas as partes saiam ganhando, tanto o homem como a natureza.

De acordo com o site BRASIL ESCOLA (2015), cerca de 76% do lixo diário brasileiro, que chega a 70 milhões de quilos, são despejados em céu aberto. Somente 10% vai para lixões controlados, 9% vai para aterros sanitários e somente 2% é reciclado. Práticas como reciclagem ainda são bastante defasadas. É preciso preparar as crianças, os adultos para essa realidade e o homem do campo não poderá ficar de fora se ele é quem convive com a matéria-prima que resulta todo o lixo produzido pela “sociedade moderna”. É preciso além de tudo saber que o que é considerado lixo na maioria das vezes poderá ser reutilizado ou transformado em outros produtos e colocados novamente no mercado.

Educação do campo para quem e para que: forma cidadão consciente, é algo que será possível, se o educador trabalhar a realidade, a vivência, a participação, a interação com o meio e com o meio natural. O contato com a realidade é algo que não pode faltar na educação do campo e principalmente em turma de jovens e adultos.

É preciso que toda a sociedade esteja preparada para continuar a luta em defesa da natureza. Em 1992 foi discutido sobre as responsabilidades globais em cuidar do meio ambiente, o chamado ECO 92, foram mais de 144 representantes de países, 40 mil ambientalistas reunidos traçando metas para que a economia cresça sustentavelmente e ambientalmente. Passaram-se 20 anos e outra vez veio a necessidade de se reunirem, agora com o RIO +20, em 2012, visando também discutir propostas que melhorem o desenvolvimento sustentável e socioambiental, novamente foram traçadas e incumbiu-se aos municípios desenvolver planos para tratar da questão ambiental. Uma trajetória histórica vem acontecendo demonstrando preocupação com os problemas socioambientais. A política ambiental existe, cabe à política partidária e a sociedade enquanto cidadã colocá-la em prática.

Analisando a diversas correntes que vários educadores utilizam para destacar a melhor forma de trabalhar com a educação ambiental, as que mais se aproximam da forma trabalhada neste artigo são a corrente ecossocial e a corrente da sustentabilidade, que promovem não somente o desenvolvimento econômico, mas visam também o desenvolvimento econômico com a reeducação para um crescimento sustentável baseado em uma preocupação com os uso dos recursos naturais para que não falte para as gerações futuras, respeitando e adotando conhecimentos indispensáveis para a multiplicação das práticas que deram certo.

Para trabalhar uma educação ambiental sustentável com agricultores familiares não é possível desconhecer o saber local, pois esse vem sendo produzido desde o neolítico. Essa é a ideia reforçada por (CAPORAL, 2000, p. 93) de que é preciso reconhecer que entre os agricultores e suas famílias existe um saber, um conjunto de conhecimentos que, embora não sendo de natureza científica, é tão importante quanto os nossos saberes.

O marco teórico para uma Nova Extensão Rural deverá orientar-se pela busca contínua de estratégias que impulsionem padrões socioculturalmente desejáveis e que estejam apoiados na evolução histórica dos grupos sociais em sua coevolução com o ecossistema em que estão inseridos. Isto implica a necessidade de construir “contextos de sustentabilidade” e de resistência etnoecológica compatíveis com a realidade do público beneficiário da extensão rural. Também exige compreender, desde o início, que a agricultura familiar é, ao mesmo tempo unidade de produção, de consumo e de reprodução e que, portanto, funciona mediante uma lógica de produção combinada de valores de uso e de mercadorias, objetivando sua reprodução. (CAPORAL; COSTABEBER, 2000, p. 84).

O estudo de Caporal faz menção aos novos extensionistas, portanto, trazer esse estudo para a sala de aula dará auxílio para os novos educadores do campo, esta corrente defendida por Caporal e Costabeber engloba quase todas as outras, encaixando perfeitamente as ideias do mestre Paulo Freire. Promove a potencialização da família

e a busca para a aplicação dos conhecimentos, protagonizando a construção de intervenção para fortalecimento do desenvolvimento sustentável em todos os sentidos, intelectual, socioambiental, emancipatório, político etc.

Neste artigo procuramos trabalhar a educação na Comunidade Quilombola do Serrote como uma forma de promover a autossustentação do homem da roça, tanto com aspectos culturais, como com aspectos sociais, ambientais, gênero étnico/racial e econômico, promovendo e enfatizando a capacidade de usar todos os conhecimentos adquiridos como forma de sobrevivência. Se pensarmos com uma visão holística, ficaria mais fácil compreender essa diversidade de conhecimento que o homem da roça tem, pois a maioria deles nunca pisaram em uma sala de aula para aprender a produzir e não tem uma formação para ser agricultor. No entanto eles aprenderam com a prática adquirida desde a infância, e usam esse conhecimento para colocar comida na mesa de bilhões de pessoas. Se pensarmos, olhando dessa forma veríamos que os agricultores não têm uma formação acadêmica, mas possuem um vasto conhecimento de vida. E o educador do campo colocado em uma pirâmide veria que eles e os agricultores estão em um mesmo patamar, para que possam complementar os conhecimentos de ambos, sem desqualificar e desconhecer o saber local.

Dialogando educação do campo em campo

Dialogar com os educandos durante aula de e no campo e com alunos do campo os trabalhos serão muito mais proveitosos, pois eles já conhecem em parte a realidade. Observando o rio São Francisco, os próprios alunos chegaram à conclusão de que o leito do rio havia se estreitado; o fato é que anos de contato com rio facilitou essa compreensão. O professor não poderá deixar de fazer suas intervenções procurando achar respostas de por que o rio se estreitou. Lógico que haverá várias colocações, o professor deverá complementar suas respostas e fazer perguntas, como: será que o fluxo/corrente da água ainda é o mesmo? o que será que aconteceu? Será que isso tem alguma coisa a ver com o baixo volume de chuvas? A indagação é uma grande aliada do professor nessa hora. O professor tem que indagar o que for preciso para reverter os problemas detectados ao longo do estudo em campo.

O campo em si já é um objeto de estudo gigantesco e a educação do campo é um importante passo para resolver problemas socioambientais, culturais, de gênero, desigualdade e a multiplicação da pobreza.

A educação do campo não se limita ao campo e sim cria elo com o mundo. A delimitação do campo/cidade não deve ser vista com barreira para impedir que o homem do campo tenha acesso à informação e à qualidade de vida, com a educação espera-se que o homem seja um ser pensante e ético, pronto para agir de forma coerente na sociedade, que tenha consciência ambiental e que respeite os limites da natureza. Quando a educação é voltada para o campo e no campo, o meio rural é objeto de estudo. Partindo do local para o global, o homem saberá que o planeta está interligado e globalizado, que ações que destroem somadas afetam todo um ecossistema e sucessivamente o planeta.

O professor do campo precisa ressaltar a importância do trabalhador do campo na construção de atividades que possibilitem o desenvolvimento, mas que seja amigá-

vel com o meio ambiente e isso só é possível se o educando usar da sua prática ferramentas para viver em harmonia com o entorno. Faz-se necessário que a teoria não se distancie da realidade, tornando a educação o primeiro passo para que o homem do campo integre-se ao meio como participante do desenvolvimento intelectual e agente preocupado com o meio ambiente e a sociedade.

Perguntas necessárias ao professor do campo: Educação para quem? E para que? Com isso o profissional da educação procurará atingir os objetivos necessários na educação do campo.

Homens, mulheres e adolescentes da comunidade quilombola estão vivendo um momento de transição, no qual se faz necessário quebrar paradigmas de que o campo não é lugar para se viver.

De tanto ser chicoteados chegaram a ficar desacreditados que poderiam mudar de vida vivendo no campo, isso explica o grande fluxo migratório para a região Sudeste do Brasil.

Agricultores familiares já não acreditam que é possível produzir sem o uso de agrotóxicos, isso não foi construído da noite para o dia, diante da variada oferta de produtos químicos disponíveis nas casas de materiais agrícolas e da difusão da agricultura convencional, os agricultores foram perdendo a cultura de produzir alimentos saudáveis e livres de venenos. Cabe aos professores mostrarem as inúmeras vantagens de produzir alimentos saudáveis, mas só é possível se trabalhar constantemente a sensibilização do agricultor familiar, fazendo o uso de depoimentos, vídeos, palestras, gráficos, etc.

A cultura não está dissociada da agricultura familiar, tanto que são realizadas festas quando se tem uma boa colheita. Os agricultores da Comunidade Quilombola do Serrote fazem promessas aos santos para que possam produzir bem, quando não chove roubam os santos, dizem que quando um Santo é roubado a chuva não falha. “Talvez seja por isso que está chovendo pouco, faz algum tempo que roubaram um santo” (Albino Onofre dos Santos, 80 anos). Sempre rezam para São José, diz-se que ele é o santo que manda a chuva, com procissões ao sol, de ponta a ponta da Comunidade Quilombola do Serrote.

A Comunidade Quilombola do Serrote conta com maior parte a sua renda proveniente da agricultura familiar, sendo variadas como: feijão, mandioca, cebola, manga, banana, etc. Muitas dessas culturas perderão espaço para a plantação de banana. Muitos agricultores deixaram de plantar culturas temporárias, logo se queixavam muito da dificuldade na plantação e principalmente na comercialização, esses são apenas dois dos principais problemas que contribuem para o empobrecimento da agricultura familiar. Uma vez que o pequeno agricultor não tem como concorrer com grandes produtores.

Problemas que contribuem para o empobrecimento da agricultura familiar na Comunidade Quilombola do Serrote:

- Pouca terra ou falta de terra. A terra que esses agricultores trabalham era de

seus avós ou bisavós. E também essas terras que já foram de seus pais e hoje são dos filhos, e a cada geração a área diminui, muitos agricultores já não têm o seu pedaço de terra para plantar.

- **Atravessador.** Os agricultores dessa comunidade estão dispersos, ainda não acordaram para as vantagens de vender seus produtos através de associações ou cooperativas.

- **Alta taxa de analfabetismo.** Sem informações sobre a riqueza que o campo oferece, homens e mulheres agricultores consideram a sua profissão com ruim.

- **Falta de perspectivas.**

- **Alto fluxo migratório para a capital São Paulo.** Atraídos pela “propaganda de vida fácil” na capital paulista, os jovens vão à busca de uma “vida melhor” trabalhando na maioria das vezes nos piores empregos e morando condições desumanas.

- **Concorrência com grandes produtores.** O agricultor da forma que produz, vendendo a preços tão baixos fica em desvantagem. Muitas vezes o alimento produzido pelo pequeno produtor não dá nem para o consumo e necessidades como alimentação, remédios, etc.

O trabalho desenvolvido na escola deverá capacitar o agricultor familiar para interagir com o meio, e dar oportunidade para que ele se sinta importante. Por isso a necessidade de trabalharmos a questão da identidade, para que eles (trabalhadores rurais) se assumam como são, para que não tenham vergonha de falar diferente e oportunize a educação para que possam melhorar de vida sem ter que deixar o campo.

A educação é essencial na vida de trabalhadores e trabalhadoras rurais da Comunidade Quilombola do Serrote na busca da solidificação e permanência no campo.

Princípios que serão garantidos com a educação na comunidade:

- Organização enquanto membros da comunidade em associação;
- Fortalecimento dos vínculos afetivos com o espaço/ território/ lugar;
- Produção com sustentabilidade, respeitando os limites da natureza;
- Enriquecimento econômico;
- Diminuição do índice de analfabetismo no campo;
- Autoestima, mostrando que é possível viver no campo com qualidade de vida.

Desafios para o educador do campo

Trabalhar educação do e no campo é desafiador, pois muitos empecilhos impossibilitam a efetivação e conclusão dos trabalhos propostos.

Desconstruir que o agricultor é capaz de mudar de vida sem precisar sair do campo é tarefa que requer perseverança, persistência, metodologia, didática e prática. Muitos agricultores acham que seus filhos não terão um futuro digno 'morando na roça' ou trabalhando no roçado. Se analisarmos, o processo histórico/político que foi implantado no Brasil desde a colonização até os dias atuais dá todo o suporte para que o agricultor tenha razão. Contudo o olhar para educação do campo vem se diferenciando devido às lutas de comunidades indígenas, quilombolas e representantes do MST. Muito programa de alfabetização para os agricultores familiares tem sido implantado, mas trabalhar a educação do campo é um trabalho que exige vencer alguns paradigmas, como, os que fazem os agricultores acreditarem que:

- A educação do campo não é de qualidade;
- Estudando no campo os filhos não estão aptos a concorrer ao mercado de trabalho;
- Evasão devido a dupla jornada de trabalho/estudo;
- No caso de adultos, esses acreditam que já não têm mais idade para estarem na sala de aula;
- Conciliação trabalho/estudo;

Os educadores do campo têm que ser dinâmicos, e acima de tudo conciliar didática, metodologia e prática. Trabalhar conteúdos que não têm a ver com a realidade desestimula a aprendizagem e tira a vontade que o educando tem de permanecer na escola. É preciso que tenha elo com a realidade/teoria/prática.

Trabalhando a produção agropecuária no Brasil, porque não trazer o assunto para a realidade, inserindo a produção dos agricultores nessa produção a nível nacional? Contar que os bodes e as cabras criados por eles fazem parte da produção de caprinos do Brasil, que o censo agropecuário é responsável por divulgar esses dados e que eles são capazes de fazer essa contagem na comunidade e transformar em assunto de estudo em sala de aula. O profissional de educação tem que estar engajado na comunidade e participar dessa construção do conhecimento, aproveitando dados que são pertinentes e que os agricultores dominam.

CONCLUSÃO

Diante da proposta de educação do campo que evidencia o crescimento de homem e mulheres agricultores familiares fica claro que a educação é primordial para o desenvolvimento tanto social, cultural, ecológico e econômico sustentável. O papel do educador é indispensável na criação de elo com comunidade respeitando e interagindo

o conhecimento adquirido ao longo da docência com os saberes locais. É de suma importância que o educador trabalhe a ética e a consciência para que os educandos façam uso do que aprenderam para melhorar sua vida e na transformação do espaço geograficamente sustentável.

REFERÊNCIAS

BRASIL ESCOLA. Disponível em: Site: <www.brasilecola.com/curiosidades/voce-sabe-para-onde-vai-lixo.htm>. Acesso em: 15 abr. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia** - Saberes necessários à prática educativa. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MELLO, Soraia Silva de; TRAJBER, Rachel (Org.). **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola**. Brasília, UNESCO, 2007.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Laís Mourão. **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro: IESJV, Fiocruz, Expressão Popular, 2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – SECAD. **Coleção cadernos pedagógicos Projovem Campo-Saberes da Terra**. Brasília, 2010.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Meio ambiente. Saúde. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC-UNESCO, 1997.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELL, TOMOKO Iyola; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SETOR DE EDUCAÇÃO DO MST. Produção: Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária – ITERRA. 2005.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

LIMA, Eliete Rodrigues de; MARQUES, Jocélia Torquato dos Santos. Educação do campo, desenvolvimento sustentável na Comunidade Quilombola do Serrote. **Extramuros**, Petrolina-PE, v. 3, n. 1, p. 123-135, edição especial, 2014. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 26 jan. 2015.

Aprovado em: 15 abr. 2015.